

Aeconomia está ajustada e pronta para crescer de 5% a 7% ao ano durante a segunda parte da década. Essa é a análise de Luiz Carlos Bresser Pereira, presidente do Banespa, professor de economia e empresário. Ele acha que só dois fatores podem atrapalhar esse prognóstico — o FMI se continuar a exigir uma política monetária e fiscal extremamente restritiva, e a economia norte-americana, se sofrer desaceleração em seu crescimento.

Para Bresser Pereira, a recessão brasileira acabou no começo do ano e as modificações no desempenho de vendas e produção que se verificam agora (crescimento em alguns setores, quedas menores em outros) são o espelho do reajuste da economia, mais do que qualquer outro fator que está sendo apresentado como justificativa, do término do medo do desemprego aos maiores desembolsos do PIS-Pasep.

Outros aspectos: a violência da inflação, com seus dolorosos impactos na sociedade, impede que se veja com mais clareza o final da recessão. "A economia está reajustada", acrescenta o economista, "apesar da inflação de mais de 200%".

— A economia brasileira, como qualquer economia capitalista, desenvolve-se através de ciclos. A recessão que deveria ter ocorrido em meados dos anos 70 foi postergada até 1980. Em 81, não foi mais possível manter artificialmente a prosperidade.

E não foi apenas por necessidade de ajustamento externo que entramos em recessão, observa Bresser. Também por causa da necessidade de ajustamentos internos, estes expressos em elevados déficits públicos.

— Nestes quatro anos, ou três anos e meio, tanto o déficit comercial quanto o déficit público foram transformados em superávits, de forma que a economia brasileira está recuperada. A continuidade dessa recuperação, entretanto, está na dependência de o FMI aceitar que o ajuste ocorreu apenas da alta inflacionária. Até agora não houve essa aceitação.

O presidente do Banespa não acredita, entretanto, que o FMI tenha força para impedir a retomada do crescimento nacional. Mas poderá atrapalhar, ditando tetos de crescimento insatisfatórios para o País.

— Crescimentos satisfatórios são entre 5 e 7% ao ano, e não há nenhuma razão para não segirmos estas taxas. Com superávit de US\$ 6 bilhões, temos direito de crescer. A mudança próxima do governo federal será um fator importante para garantir a retomada do crescimento.

Inflação

Esse binômio "Inflação e Recessão" tem sido um particular objeto de estudo de Luiz Carlos Bresser Pereira, que lança esta semana seu novo livro pela Editora Brasiliense, justamente com esse título.

Uma das abordagens do livro enfoca as relações peculiares dos dois fenômenos no Brasil, onde a inflação cresce com a recessão, em relação direta. O ano de 1983, onde se registrou a maior recessão da história nacional, com duplicação do patamar inflacionário, é um exemplo ilustrativo apresentado pelo autor do livro.

— E, quando a economia se expande, a inflação diminui — diz ele. — Quem primeiro detectou isso foi o professor Inácio Rangel, que lançou seu livro "A Inflação Brasileira", em 1963.

Dentro desse raciocínio, portanto, Bresser Pereira prevê uma queda da inflação daqui para a frente. Mas não na intensidade almejada pela maioria.

— A inflação vai diminuir moderadamente.

Em relação à inflação, o economista expõe no livro que é autônoma. E distingue entre os fatores que a compõem, os aceleradores, os mantenedores e os sancionadores.